



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
GABINETE DA REITORIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE PROGRAMAS E PROJETOS EDUCACIONAIS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE APOIO E ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA/CCSE
PROGRAMA DE MONITORIA

EDITAL Nº 000/2024

PROCESSO SELETIVO DE MONITORIA BOLSISTA E VOLUNTÁRIA CCSE/UEPA

ANEXO V

**CONTEÚDOS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
PARA AS PROVAS ESCRITA E PRÁTICA (quando houver)**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DPSI		
DISCIPLINA/COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	1. APRESENTE UM RESUMO DAS PRINCIPAIS TEORIAS DA ABORDAGEM PSICANALÍTICA;	Apostila sobre Psicanálise, Behaviorismo e Gestalt. Disponível para Cópia no Departamento de Psicologia (DPSI).
	2. APRESENTE UM RESUMO DAS PRINCIPAIS TEORIAS DA ABORDAGEM BEHAVIORISTA	BOCK. A,M. Psicologia. São Paulo: Saraiva 2009.
	3. APRESENTE UM RESUMO DAS PRINCIPAIS TEORIAS DA ABORDAGEM DA GESTALT;	REGO, Tereza Cristina .Vygotsky Uma Perspectiva Histórica-Cultural da Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
	4. APRESENTE UMA ABORDAGEM SOBRE OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO EM PIAGET.	PIAGET. Jean. Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense, 2000
	5. APRESENTE UMA ABORDAGEM SOBRE A ZONA DO DESENVOLVIMENTO PROXIMAL, DE VYGOTSKY	SALVADOR, Cesar Cool. Desenvolvimento Psicológico e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO GERAL DEDG

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DIDÁTICA	1. AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E SEUS PRESSUPOSTOS 2. CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO ESCOLAR 3. PLANEJAMENTO DE ENSINO 4. A DIDÁTICA NA PERSPECTIVA MULTI/INTERCULTURAL 5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ENSINAR-APRENDER	CANDAU, V. e LEITE, M. A didática na perspectiva multi/intercultural em ação: construindo uma proposta. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a1137132.pdf CHUEIRI, M. Concepções sobre a Avaliação Escolar. Disponível em: https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1418/1418.pdf FRANCO, M. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0601.pdf LEAL, R. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. Disponível em: https://rieoei.org/historico/deloslectores/1106Barros.pdf Queiroz, C. Moita, f. As tendências pedagógicas e seus pressupostos. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/fundamentos_socio_filosoficos_da_educacao/Fasciculo_09.pdf
TECNOLOGIA EDUCACIONAL	1. TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS MEDIADORES DA APRENDIZAGEM 2. CULTURA DIGITAL, EDUCAÇÃO MÍDIÁTICA E O LUGAR DA ESCOLARIZAÇÃO 3. NOVAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: MELHORIA DO ENSINO OU INOVAÇÃO CONSERVADORA? 4. NOVAS TECNOLOGIAS: O REDIMENSIONAMENTO DO ESPAÇO E DO TEMPO E OS IMPACTOS NO TRABALHO DOCENTE	CYSNEIROS, P. G. (1999). Novas Tecnologias na Sala de Aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? Informática Educativa12(1), 11-24. Acesso: 10 mar. 2014. Disponível: http://www.pucrs.br/famat/viali/doutorado/ptic/textos/articles-106213_archivo.pdf COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina e PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. Psicol. Esc. Educ. [online]. 2015, vol.19, n.3 [citado 2018-06-21], pp.603-610. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300603&lng=pt&nrm=iso . ISSN 2175-3539. http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193912 . KENSKI, V. M. (1998). Novas Tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os

	5. ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA	impactos no trabalho docente. Revista Brasileira de Educação, nº8, 58-71. Acesso: 09 jun. 2014. Disponível: http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_07_VANI_MOR_EIRA_KENSKI.pdf [Links] KENSKI, V. M. (2003). Aprendizagem mediada pela tecnologia. Revista Diálogo Educacional 4(10), 47-56. Acesso: 10 jun. 2014. Disponível: http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dia logo?dd1=786&dd99=view&dd98=pb [Links]
EDUCAÇÃO EM INSTITUIÇÕES NÃO ESCOLARES E AMBIENTES POPULARES	1. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO EM INSTITUIÇÕES NÃO ESCOLARES E AMBIENTES POPULARES. A PEDAGOGIA NA CONTEMPORANEIDADE E A AMPLIAÇÃO DO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO. 3. A PEDAGOGIA SOCIAL E A ATUAÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL. 4. A EDUCAÇÃO POPULAR E SUAS INTERLOCUÇÕES COM O CAMPO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES. 5. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: DEFINIÇÕES E PROBLEMÁTICAS.	CANDINHA, Marcia Alvim. Conceituando Pedagogia e Contextualizando Pedagogia Empresarial. In: LOPES, Izolda (Org.). Pedagogia Empresarial: formas e contextos de atuação. 4ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. _____. Pedagogia do Oprimido. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. FREITAS, Riane Conceição Ferreira. A construção de um saber pedagógico na esfera do judiciário paraense: o contexto histórico-social. In: 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiania, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_posteres_aprovados/gt09_posteres_aprovados/gt09_3077_texto.pdf. Acesso em: 10 Abr 2015. GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, Mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov. 2012. GRACIANI, Maria Stela Santos. Pedagogia Social. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014. LIBÂNEO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In PIMENTA, Selma Garrido (Org.) Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO BRASILEIRO	1. HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL 2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL 3. CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL 4. ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL 5. AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.	ÀRIES, Philippe. História social da criança e da família. Rj, Guanabara, 1992 BARBOSA, M. C. S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006. BARBOSA, M. C. S. Práticas cotidianas na educação infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: Acesso em: novembro/2011. BATISTA, R. A rotina da creche: entre o proposto e o vivido. In: 24ª Reunião Anual da Anped, 2001, Caxambu. Programa e resumos da 24ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2001. BRASIL. Ministério da Educação. Educação Infantil: Subsídios para construção de uma sistemática de avaliação. Grupo de Trabalho/Portaria n. 1.147/2011/MEC: Brasília, DF, 2012. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF: MEC, 2010 BRASIL. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil! Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC-SEF, 1998. 3vl:II. HOFFMAN. Jussara. Avaliação na Pré-Escola: Um olhar reflexivo sobre a Criança. Cadernos de Educação Infantil, n. 3. São Paulo: Sp: Editora Mediação, 2010 KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. Educação e Pesquisa, Brasil, v. 37, n. 1, p. 69-85, abr. 2011. ISSN 1678-4634. Disponível em: . Acesso em: 28 out. 2013. doi: 10.1590/S1517- 97022011000100005. KRAMER. Sonia.(Org) Profissionais da educação infantil: gestão e formação. São Paulo: Editora Atica, 2005. MARTINS FILHO, Altino José. Alfabetização e Educação Infantil. Revista Pátio, nº 30, 2012. OLIVEIRA, Z. de M. R. de. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: I Seminário Nacional: Currículo em movimento - Perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento. Perspectivas atuais. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. v. 1. p. 1-20 PRIORE, Mary Del (org.). História das Crianças no Brasil, 5ª. ed. SP, Contexto, 2006; BARBOSA, Maria Carmen Silveira (org.) Projetos pedagógicos na Educação Infantil, Porto Alegre: Artemed, 2008;
--	--	--

		VITÓRIA, M. I. C. As Múltiplas Linguagens na Educação Infantil. 2004 (Demais Trabalhos Relevantes). Disponível em: VITÓRIA, M. I. C. Múltiplas linguagens na educação infantil: a criança sob nova ótica, nova ética e nova estética. Revista Virtual. Porto Alegre, nº1, 2010.
--	--	--

DEPARTAMENTO DE ARTES – DART

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
PRÁTICA CORAL	1. GESTUAL DE REGÊNCIA CORAL: COMPASSOS SIMPLES 2. NOÇÕES DE TÉCNICA VOCAL E VOCALISES 3. CLASSIFICAÇÃO DE VOZES: CORO MISTO 4. SELEÇÃO DE REPERTÓRIO PARA CORO INFANTIL 5. TÉCNICAS DE RESPIRAÇÃO PARA O CORAL	COELHO, Helena Wöhl- Técnica Vocal para Coros. Sinodal. São Leopoldo, RS,1994. A PRÁTICA CORAL NA FORMAÇÃO MUSICAL - Anppom www.anppom.org.br › sessao8 › sergio_figueiredo https://www.youtube.com/watch?v=F080C-YVreQ (Princípios de Regência) https://www.youtube.com/watch?v=ZEAUQ35uXGo (Técnica vocal para coros: Lúcia Passos) https://tecnicasderegencia.blogspot.com/p/contatos.html?m=0 (Técnicas de Regência:Emanuel Martinez)
PRÁTICA DE BANDA	1. TÉCNICAS E MÉTODOS DE ENSAIOS PARA BANDAS SINFÔNICAS 2. REPERTÓRIO E ARRANJOS PARA BANDAS SINFÔNICAS 3. DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE PERFORMANCE EM CONJUNTO NO CONTEXTO DAS BANDAS SINFÔNICAS 4. HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DAS BANDAS SINFÔNICAS E GÊNEROS MÚSICAIS NO BRASIL 5. PEDAGOGIA E LIDERANÇA NA DIREÇÃO DE BANDAS SINFÔNICAS BRASILEIRAS.	BRASIL, L. F. O ensaio na banda sinfônica: um olhar sobre a educação musical. Rio de Janeiro, RJ: Editora Intercultural,2011. MOURA, R. Banda sinfônica: do ensino à performance. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2009 TIBIRIÇÁ, R. A tradição das bandas sinfônicas no Brasil. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome,2010 OLIVEIRA, R. A. Bandas sinfônicas: um estudo sobre repertório e arranjos. Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas,2011 SANTOS, C. A. Práticas de conjunto na música sinfônica brasileira. São Paulo, SP: Editora Érica, 2014 SOUZA, J. Bandas sinfônicas: a formação do músico de conjunto. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2013 Marcondes, M. Enciclopédia da música brasileira: história e cultura das bandas sinfônicas no Brasil. São Paulo, SP: Editora Art Editora, 1998 FREIRE, J. R. Bandas sinfônicas: história, formação e desenvolvimento no Brasil. Recife, PE: Editora UFPE, 2009. LIMA, M. A. Pedagogia do ensino coletivo em bandas sinfônicas. São Paulo, SP: Editora Musimed, 2010 França, V. A formação do regente de banda sinfônica no BRASIL: um estudo sobre pedagogia e liderança. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014 BRUM, Oscar. Conhecendo a Banda de Música. São Paulo, SP: Editora Ricordi, 1988.
PRÁTICA DE FLAUTA DOCE	1. RECONHECER O DEDILHADO DA FLAUTA. 2. RECONHECER QUAIS POSTURAS CORRETAS E TÉCNICAS DE RESPIRAÇÃO PARA BOA EXECUÇÃO NA FLAUTA. 3. ELABORAR UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AULA EM GRUPO 4. TRANSPOR MELODIAS PARA A FLAUTA DOCE, ASSIM COMO ELABORAR	BARROS, Daniele cruz. A flauta doce no século xx: o exemplo do Brasil. Recife: UFPE, 2010. BARRAUD, Henry. Para compreender a música e hoje. São Paulo: perspectiva, 1975. CHEDIAK, Almir. As 101 melhores canções do século xx. V.1. Rio de Janeiro: lumiar, 2004. COPLAND, Aaron. Como ouvir e entender música. Rio de Janeiro: artenova, 1974. GRIFFITHS, Paul. A música moderna: uma história concisa e ilustrada de debussy a boulez. Rio de Janeiro: Jorge zahar editor, 1997. FRANK, Isolde mohr. Pedrinho toca flauta. V. 1. São Leopoldo-rs: sinodal, 2001. FRANK, Isolde mohr. Pedrinho toca flauta. V. 2. São Leopoldo-rs: sinodal, 2001. MONKEMEYER, Helmut. Método para flauta doce soprano. São Paulo: ricordi, 1985.

	ARRANJOS PARA O REFERIDO INSTRUMENTO. 5.ELABORAR UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS QUE NECESSITAM DE REFORÇO NA FLAUTA DOCE.	KIEFER, Bruno. Elementos da linguagem musical brasileira: movimento, 1973. Magnani, Sérgio.
MÉTODOS, TÉCNICAS E MATERIAIS EM EDUCAÇÃO MUSICAL	1.EDUCAÇÃO MUSICAL, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DECOLONEIDADE. 2.MÚSICA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA ESCOLA. 3.A PAISAGEM SONORA DE MURRAY SCHAFER E SUA APLICAÇÃO NA ESCOLA. 4.A EXPRESSÃO CORPORAL COMO MEIO DE APRENDIZAGEM MUSICAL, A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE DALCROZE. 5. O PASSO, A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LUCAS CIAVATTA.	BATISTA, Leonardo Moraes. Educação musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a educação básica. ORFEU – Revista do programa de pós-graduação em música CEART UDESC, v.3, n.2, p. 111-135, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.5965/2525530403022018111. Disponível em: https://www.periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018111. Acesso em: 10 nov. 2024. CARMO, Raiana Maciel do; SALES, Marcos Santana. “Por um mundo onde muitos mundos possam existir”: patrimônio imaterial e música afro-brasileira na escola. Revista Música na Educação Básica, v. 12, n. 15, e121504, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.33054/MEB121504. Disponível em: https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/279. Acesso em: 10 nov. 2024. CIAVATTA, Lucas; FERREIRA, Daniela; SANTOS, João. Lucas Ciavatta: o passo corpo e mente no mesmo andamento. In: MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (org.). Pedagogias brasileiras em educação musical. Curitiba: Intersaberes, 2016. FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. Raymond Murray Schafer: o educador musical em um mundo em mudança. In:MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (org.). Pedagogias em educação musical. Curitiba: Intersaberes, 2012. LIMA, Lucas M. F.; SILVA, Mariana S.; ALMEIDA, Jéssica de. Pensar a escola como um espaço sonoro de escuta ativa: proposições a partir de Raymond Murray Schafer. Revista Música na Educação Básica, v. 12, n. 15, e121502, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.33054/MEB121502. Disponível em: https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/268. Acesso em: 10 nov. 2024. MARIANI, Silvana. Émile Jaques-Dalcroze: a música e o movimento. In: MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (org.). Pedagogias em educação musical. Curitiba: Intersaberes, 2012. SANTIAGO, Renan. Nhande mbora’i: cânticos e instrumentos musicais sagrados Guarani Mbya em sala de aula. Revista Música na Educação Básica, v. 12, n. 15, e121501, 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.33054/MEB121501. Disponível

		em: https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/265. Acesso em: 10 nov. 2024.
TECLADO II	1. ENSINO DE TECLADO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: TECLADO EM GRUPO. 2. PENTACORDES MAIORES E MENORES: UTILIZAÇÃO COMO MÉTODO INICIAL DA PRÁTICA DE TECLADO. 3. ENSINO DE TECLADO EM GRUPO: UTILIZAÇÃO DE PARTITURA CONVENCIONAL E CIFRAS. 4. TÉCNICA PARA EXECUÇÃO DE TECLADO: ESCALAS E ARPEJOS 5. ENSINO DE TECLADO PELO ESTUDO DA HARMONIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.	ADOLFO, Antônio. Piano e Teclado (3a Edição) Rio de Janeiro, Lumiar Editora, 1994. ANNA, Maria Aparecida & Xavier, Carmem. Ciranda dos 10 dedinhos. São Paulo, Musicália S.A. 1977. CAMPITELLI, Juliana & MENDES, Adriana. Piano em grupo para quê? Reflexões sobre o estudo de piano em grupo para educadores musicais. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. ISSN Online: 2526-5857. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/966/public/966-4315-1-PB.pdf COUTO, Ana Carolina Nunes do. O ensino de teclado em grupo na universidade e o uso do repertório popular: aprendizagem através de práticas híbridas. Artigos Científicos • Per musi (28) • Dez 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-75992013000200018 SILVA, Juliana Rocha de Faria. Entre o formal e o informal: o ensino e aprendizagem do piano popular. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XII, João Pessoa. Anais, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28110

DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA – DMEI

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
INSTRUMENTAÇÃO PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA II	1. ESTUDO SOBRE OS OBJETIVOS DO ENSINO DE MATEMÁTICA NO ENSINO MÉDIO. 2. A MATEMÁTICA NA HISTÓRIA E NA SOCIEDADE. 3. O ENSINO DA ÁLGEBRA NO ENSINO MÉDIO. 4. O ENSINO DA ARITMÉTICA NO ENSINO MÉDIO. 5. O ENSINO DA GEOMETRIA NO ENSINO MÉDIO.	ABREU, Iran. Matemática e investigação para sala de aula. São Paulo: Livraria da Física, 2009. BAIRRAL, M.; DA SILVA, M.A. Instrumentação para o ensino de geometria. v.2, v.3. Rio de Janeiro: CEDERJ, 2005. BIGODE, Antonio José Lopes; GIMENEZ, Joaquim. Matemática do cotidiano e suas conexões. São Paulo: FTD, 2005 BRASIL. Ministério da Educação. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. v. 2. Brasília, 2006. 135p. (Orientações curriculares para o ensino médio). BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. CABRAL, N. F. Sequências didáticas: estrutura e elaboração. Belém: SBEM, 2017. CARVALHO, Dione L. Metodologia do ensino da matemática. São Paulo: Cortez, 1990. CHAQUIAM, Miguel. Ensaio temático: história e matemática em sala de aula Belém: SBEM / SBEM-PA, 2017. FLEMMING, Diva Marília; LUZ, Elisa Flemming; MELLO, Ana Cláudia Collaço de. Tendências em educação matemática: Livro didático. 2. ed. - Palhoça: Unisul Virtual, 2005. SILVA, Eliel Constantino da (org). Ensino aprendizagem de matemática. Ponta Grossa: Atena, 2019. RÊGO, Rômulo M. do e REGO, Rogéria G. do. Desenvolvimento e uso de materiais didáticos no ensino da Matemática. In: LORENZATO, S. (Org.). O laboratório de matemática na formação de professores. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010.
COMPUTAÇÃO	1. INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA 2. SISTEMAS OPERACIONAIS 3. SOFTWARES APLICATIVOS 4. LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO 5. INFORMÁTICA EDUCACIONAL	MARQUES, Antonio Carlos Henriques; SEBEN, Andressa. Introdução à informática : uma abordagem com Libreoffice / Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó : UFFS, 2012. Disponível em www.uffs.edu.br/repositorio CARIBÉ, Roberto; CARIBÉ, Carlos. Introdução à Computação. São Paulo: Editora FTD, 1996. MANZANO J. A. N. G.; OLIVEIRA J. F. O. Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores. 14.ed. São Paulo: Érica, 2002. TAJRA, Sanmya Feitosa – Informática na Educação – Ed. Érica, 5a Ed., SP, 2004. LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática. Editora 34, 2006.ecs.ime.usp.br

FUNDAMENTOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	1.AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM 2.AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA 3.ESTUDO DO ERRO 4. ANÁLISE DE ERROS EM MATEMÁTICA 5. AVALIAÇÃO EXTERNA: DISCUSSÃO DA MATRIZ DO SAEB, ANÁLISE E ELABORAÇÃO DE QUESTÕES MATEMÁTICAS	LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 1998. LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011. LOPES, C. E. & MUNIZ, M. I. S. O Processo de Avaliação nas Aulas de Matemática. São Paulo: Mercado de Letras, 2010. DE LA TORRE, S. Aprender com os Erros: o erro como estratégia de mudança. Porto Alegre: Artmed, 2007 PINTO, N. B. O erro como estratégia didática: estudo do erro no ensino da matemática elementar. São Paulo: Papirus, 2000 GUIA DE ELABORAÇÃO DE ITENS. Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - CAED, 2008
FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA ELEMENTAR I E II	1.FUNÇÕES LINEARES: CONCEITUAÇÃO, MANIPULAÇÃO E APLICAÇÃO 2.FUNÇÃO QUADRÁTICA: CONCEITUAÇÃO, MANIPULAÇÃO E APLICAÇÃO 3.FUNÇÃO EXPONENCIAL: CONCEITUAÇÃO, MANIPULAÇÃO E APLICAÇÃO 4.FUNÇÃO SENO E COSSENO: CONCEITUAÇÃO, MANIPULAÇÃO E APLICAÇÃO 4.ANÁLISE COMBINATÓRIA: PRINCÍPIOS BÁSICOS; ARRANJO SIMPLES, PERMUTAÇÃO SIMPLES, PERMUTAÇÃO COM ELEMENTOS REPETIDOS, COMBINAÇÃO SIMPLES, COMBINAÇÃO COM ELEMENTOS REPETIDOS, PERMUTAÇÃO CIRCULARES.	IEZZI, Gelson; MURAKAMI, Carlos. Fundamentos de Matemática Elementar Vol. 1: conjuntos, funções. 9. Ed. São Paulo: Atual, 2013. 416p. JULIANELLI, José Roberto; DASSIE, Bruno Alves; LIMA, Mário Luiz Alves de. ANÁLISE COMBINATÓRIA E PROBABILIDADE. Rio de Janeiro: Autores, 2007. 154 p. LIMA, Elon Lages. MATEMÁTICA E ENSINO. 3. Ed. Rio de Janeiro: Sbm, 2007. 207 p. LIMA, Elon Lages. Números e Funções Reais. Rio de Janeiro: Sbm, 2013. 289 p. (COLEÇÃO PROFMAT). MORGADO, Augusto Cezar de Oliveira; CARMO, Manfredo Perdigão do; WAGNER, Eduardo. Trigonometria Números Complexos. 3. Ed. Rio de Janeiro: Sbm, 2005. 164 p. (COLEÇÃO PROFESSOR DE MATEMÁTICA). NETO, Aref Antar; [et al.]. Noções de Matemática Vol 1 . Conjuntos e funções. Fortaleza: Vestseller, 2009. 492p. NETO, Aref Antar; [et al.]. Noções de Matemática Vol 3 . Trigonometria. Fortaleza: Vestseller, 2009. 314 p. NETO, Aref Antar; [et al.]. Noções de Matemática Vol 4 . Combinatória, Matrizes e Determinantes. Fortaleza: Vestseller, 2009. 492p. PINHEIRO, Carlos Alberto de Miranda; SÁ, Pedro Franco de. O ENSINO DE ANÁLISE COMBINATÓRIA A PARTIR DE PROBLEMAS. Belém: Sbempa, 2010. 53 p. (Coleção Educação Matemática na Amazônia). Disponível em: http://www.sbempara.com.br/files/Colecao-1---V---02.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.
	1.ESTUDO SOBRE OS OBJETIVOS DO ENSINO DE MATEMÁTICA. 2.A MATEMÁTICA NA HISTÓRIA E NA SOCIEDADE.	ABREU, Iran. Matemática e investigação para sala de aula. São Paulo: Livraria da Física, 2009. BAIRRAL, M.; DA SILVA, M.A. Instrumentação para o ensino de geometria. v.2, v.3. Rio de Janeiro: CEDERJ, 2005.

INSTRUMENTAÇÃO PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA	3.O ENSINO DA ÁLGEBRA NA ESCOLA FUNDAMENTAL (6A À 9A ANOS). 4.O ENSINO DA ARITMÉTICA NA ESCOLA FUNDAMENTAL (6A À 9A ANOS). 5.O ENSINO DA GEOMETRIA NA ESCOLA FUNDAMENTAL (6 À 9 ANOS)	BIGODE, Antonio José Lopes; GIMENEZ, Joaquim. Matemática do cotidiano e suas conexões. São Paulo: FTD, 2005 BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. CABRAL, N. F. Sequências didáticas: estrutura e elaboração. Belém: SBEM, 2017. CARVALHO, Dione L. Metodologia do ensino da matemática. São Paulo: Cortez, 1990. CARRAHER, Terezinha N. , SCHLIEMANN, Ana Lúcia D. Álgebra na feira? In: CARRAHER, TEREZINHA, SCHLIEMANN, ANA LÚCIA, CARRAHER, DAVID. Na vida dez ,na escola zero. 10.ed. São Paulo: Cortez editora, 1995. Capítulo 7, p. 127-141. CHAQUIAM, Miguel. Ensaio temáticos: história e matemática em sala de aula Belém: SBEM / SBEM-PA, 2017. FLEMMING, Diva Marília; LUZ, Elisa Flemming; MELLO, Ana Cláudia Collaço de. Tendências em educação matemática: Livro didático. 2. ed. - Palhoça: Unisul Virtual, 2005. PAIS, Luiz Carlos. Ensinar e aprender matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. SILVA, Eliel Constantino da (org). Ensino aprendizagem de matemática. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.
CÁLCULO I E II	1.LIMITE E CONTINUIDADE. 2.INTEGRAIS DEFINIDAS 3.APLICAÇÕES DA INTEGRAÇÃO 4.FUNÇÕES DE VARIAS VARIÁVEIS E DERIVADAS PARCIAIS. 5.EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS	HUGES-HALLET, Deborah. <i>Cálculo</i>. Vols. 1 e 2. São Paulo: LTC editora, 1997. ÁVILA, Geraldo. <i>Cálculo</i>. Vols. 1 e 2. São Paulo: LTC editora, 1994. SIMMONS, George. <i>Cálculo</i>. Vols. 1 e 2. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1996. HOFFMAN, Laurence. <i>Calculo</i>. Vols. 1 e 2. São Paulo: LTC editora, 1991. EDWARDS & PENNEY. <i>Cálculo com geometria analítica</i>. Vols. 1 e 2. Rio de janeiro: PHB editora, 1997. SWOKOWSKI, Earl. <i>Cálculo com geometria analítica</i>. Vols. 1 e 2. Rio de janeiro: Makron Books, 1995. LARSON-HOSTETLER-EDWARDS, Roland. <i>Cálculo com geometria analítica</i>. Vols. 1 e 2. São Paulo: LTC editora, 1998.

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA – DLLT

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
LINGUISTICA/ LÍNGUA PORTUGUESA	1. LÍNGUA, LINGUAGEM E ENSINO 2. O SIGNO LINGÜÍSTICO E SUAS PROPRIEDADES 3. A ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUESA 4. O TEXTO COMO UNIDADE DE ENSINO 5. A LINGÜÍSTICA COMO CIÊNCIA: TAREFA E MÉTODO	ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003. CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1997. CÂMARA JR. J. M. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1975. CARVALHO, Castelar de. Para compreender Saussure. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. PDF FIORIN, José Luiz (org.). Linguística? Que é isso? São Paulo: Contexto, 2013. PDF. MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. PDF. MARTIN, Robert. Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008. PDF.
LITERATURA LÍNGUA PORTUGUESA	1. GÊNEROS LITERÁRIOS 2. AS MANIFESTAÇÕES DO BARROCO 3. AS MANIFESTAÇÕES DO ROMANTISMO 4. AS VANGUARDAS ESTÉTICAS MODERNISTAS 5. NARRATIVAS: NATUREZA E FORMAS DA FICÇÃO	ARISTÓTELES. Arte Retórica e Arte Poética. Lisboa: Difusão Europeia do Livro, 1973. AUERBACH, Erich. Mimesis. São Paulo: Perspectiva, 1976. BARTHES, Roland et alii. Análise Estrutural da Narrativa. Petrópolis: Vozes, s/d. D'ONÓFRIO, S. Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais. São Paulo, Ática, 2000 _____. Teoria do Texto - Volume 1 e Volume 2. São Paulo: Ática, 2000 FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da Lírica Moderna – da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978. MOISES, Massaud. A Análise Literária. São Paulo: Cultrix., 1974. PORTELA, Eduardo. Teoria Literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, s/d. SAMUEL, Rogel et. ali. Manual de Teoria Literária. Petrópolis: Vozes. TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. São Paulo: José Olympio, 2012.

LÍNGÜÍSTICA/ LÍNGUA INGLESA	1. THE EVOLUTION AND SPREAD OF THE ENGLISH LANGUAGE AND ITS USE IN EFL CLASSES 2. PHONETICS AND PHONOLOGY AND THE DEVELOPMENT OF ORAL SKILLS IN FL TEACHING 3. THE CONTRIBUTIONS OF PRAGMATICS FOR THE AREA OF FL/SL TEACHING 4. INTEGRATING THE FOUR SKILLS IN THE EFL CLASSROOM 5. LINGUISTICS IN THE 20TH AND 21ST CENTURIES AND ITS CONTRIBUTIONS IN THE STUDY OF LANGUAGES	BROWN, H. DOUGLAS. Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy. White Plains: Pearson Education, 2007. p. 322-55. CRYSTAL, David. The English Language: a guided tour of the language. 2nd edition. London: Penguin Books, 2002. DENHAM, Kristin; LOBECK, Anne. Linguistics for Everyone, an introduction. Boston: Cengage Learning, 2013. KELLY, Gerald. How to teach pronunciation. Longman, 2000. MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008. WEEDWOOD, Barbara. História Concisa da Linguística. São Paulo: Parábola, 2004.
LITERATURA/ LÍNGUA INGLESA	1. CHAUCER AND HIS PORTRAIT OF ENGLISH SOCIETY 2. SHAKESPEARE AND THE UNIVERSAL THEMES: DEPICTING HUMAN EMOTIONS 3. THE DEVELOPMENT OF THE ENGLISH NOVEL: ITS INFLUENCES AND MAIN THEMES 4. FIRST FEMALE WRITERS IN ENGLISH AND AMERICAN LITERATURE AND THEIR CONTRIBUTIONS 5. THE STUDY OF GRAMMAR AND VOCABULARY AND THE USE OF LITERARY TEXTS IN EFL CLASSES.	BBC. 60 Second Shakespeare. Available in: http://www.bbc.co.uk/drama/shakespeare/60secondshakespeare/teachers_themes.shtml BURGESS, Anthony. English Literature: a survey for students, 2nd ed. London: Longman, 1974. CARTER, Ronald & MCRAE, John. The Routledge History of Literature in English: Britain and Ireland. London: Penguin, 1998. Available at: carter.pdf. Access on 08 Jul 2019. DRABBLE, Margaret. The Oxford companion to English Literature. 5th ed. Oxford: Oxford Up, 1995. HISTORY WORLD. History of English Literature. Available at: http://www.historyworld.net/wrldhis/PlainTextHistories.asp?groupid=2206&HistoryID=a08&track=pthc. Access on 08 Jul 2019. LONG, William. English Literature: its history and its significance for the life of the English-speaking world, 2004 (2018). Available at: http://www.gutenberg.org/files/10609/10609-h/10609-h.htm. Access on 08 Jul 2019. SANDERS, Andrew. The short Oxford history of English Literature. Oxford: Clarendon Press, 1994. Available at: http://elibrary.bsu.az/books_400/N_253.pdf. Access on 08 Jul 2019. http://library.aceondo.net/ebooks/English_Language/the_routledge_history_of_literature_in_english_britain_and_ireland_Ronald_

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA III	1. O ENSINO DE GÊNEROS TEXTUAIS. 2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA SURDA NA VIDA DOS OUVINTES. 3. SUJEITO, IDENTIDADE E CULTURA. 4. LITERATURA SURDA. 5. LITERATURA VISUAL.	DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (ORG). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. KARNOPP, Lodenir B.; MACHADO, R. N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. 2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006. LODI, Ana Claudia Balieiro. A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos. PUC-SP, SP. Tese de doutorado. 2004. 263p. https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/13914.
PRODUÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS (LIBRAS)	1.DISCUTA A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER O ENUNCIADO COMO UNIDADE DA COMUNICAÇÃO DISCURSIVA NA LEITURA E ESCRITURA DE TEXTOS 2.DISCUTA A LEITURA E COMPREENSÃO COMO PRÁTICA SOCIAL NA FORMAÇÃO DE UM(A) LICENCIADO(A) EM LETRAS. 3.DISCUTA A RELEVÂNCIA DA CONCEPÇÃO DE TEXTO PARA A PRÁTICA DOCENTE DE LETRAS LIBRAS. 4.DISCUTA A RELEVÂNCIA DOS ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS PARA O USO E ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS. 5.DISCUTA A RELAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.	BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: editora 34, 2016, p. 11-69. BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: O texto e seus contextos. Ronaldo de Oliveira Batista (Org.). São Paulo: Parábola Editorial. 2016. P.13-30. KOCH, I.G.V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002. PUZZO, Miriam Bauab; LACERDA Edmilson Arlindo ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBO-VISUAL DE CAPA DE REVISTA: UMA PROPOSTA DE LEITURA BAKHTINIANA Revista CAMINHOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA, Volume 13, Número 2, 2015. p.198-223 Disponível em:www.unitau.br/caminhosla. GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: O texto na sala de aula. São Paulo: Editora Ática, 2006, p: 39-46
REDAÇÃO OFICIAL E EMPRESARIAL	1. IMPESSOALIDADE NAS COMUNICAÇÕES PÚBLICAS 2. PADRÃO OFÍCIO 3. NOVAS TECNOLOGIAS APLICÁVEIS AO FAZER SECRETARIAL 4. SECRETARIADO: FORMAÇÃO TECNICISTA E/OU HUMANÍSTICA	BOND, Maria Tereza. Manual do profissional de secretariado. v.3: secretário como cogestor. Curitiba: Ibpx, 2009. CÓDIGO DE ÉTICA DO PROFISSIONAL DE SECRETARIADO EXECUTIVO, publicado no Diário Oficial de 7 de junho de 1989. DURANTE, Daniela Giaretta; FÁVERO, Altair Alberto (org). Gestão Secretarial: formação e atuação profissional. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009. GIORNI, Solange. Secretariado, uma profissão. Belo Horizonte: Editora Quantum Projetos LTDA - ME, 2017. KUNSCH,

	5. ORGANIZAÇÃO DE VIAGENS INTERNACIONAIS	Margarida Maria Krohling. Comunicação Organizacional - Vol. 1 - Histórico, Fundamentos e Processos Lei 7.377/85 – Regulação da Profissão de Secretário Executivo RAMOS, Eduardo José. Apostila do Curso de Atualização e Organização de Arquivos da TREIDE Treinamento e Desenvolvimento. Belém - PA, 2013
ESPAÑHOL	1. LA IMPORTANCIA DEL APRENDIZAJE DE ESPAÑOL EN LA CARRERA DE SECRETARIADO EJECUTIVO TRILINGÜE; 2. LO DIFERENCIAL DEL PROFESIONAL QUE ES FLUENTE EN LA LENGUA ESPAÑOLA; 3. LA RELEVANCIA DE LA GRAMÁTICA EN LENGUA ESPAÑOLA PARA EL SECRETARIO EJECUTIVO TRILINGÜE; 4. EL IDIOMA ESPAÑOL PARA LOS NEGOCIOS Y LA GLOBALIZACIÓN; 5. ESTRATEGIAS PARA EL APRENDIZAJE AUTÓNOMO EN LA LENGUA ESPAÑOLA	GONZÁLEZ, patricia varela. Espanhol para o secretariado: um guia prático para secretários, assessores e assistentes. Rio de janeiro: elsevier, 2012. PROST, GISÈLE; noriega, alfredo. Al día curso de español para los negocios. 5ª ed. Sgel – educación, madrid, 2012. POLITO, reinaldo. Super consejos para hablar bien en charlas y presentaciones. São paulo: saraiva, 2007. MILANI, e.m. Gramática de espanhol para brasileiros. São paulo: saraiva, 2006. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: paz e terra, 1996
PESQUISA EM LITERATURA	1. A LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE VOZ FEMININA NO PARÁ 2. ETNICIDADE: INCLUSÃO E LITERATURA INDÍGENAS NO PARÁ 3. LITERATURA: ORALIDADE E ORATURAS NOS AUTORES AFRODIASPÓRICOS 4. A FICÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEA 5. A POÉTICA DAS ÁGUAS EM LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA - FORMAS DE INVESTIGAÇÃO.	BARTHES, Roland. O que é a crítica? In: Crítica e Verdade. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva. CULLER, Jonathan. O que é teoria? Teoria literária - Uma introdução. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999. EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. ECO, Umberto. Seis passos pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. RODRIGUES-BASTOS, Renilda; FARES, Josebel A. Educar pela voz: movência no tempo e no espaço. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos. Vol. 4. n. 7, 2016

LÍNGUA LATINA	1. ASPECTOS HISTÓRICOS DA EXPANSÃO DO LATIM; 2. AS DECLINAÇÕES LATINAS DOS SUBSTANTIVOS;] 3. OS CASOS LATINOS E SUAS FUNÇÕES SINTÁTICAS; 4. A VOZ ATIVA DOS VERBOS LATINOS; 5. A VOZ PASSIVA DOS VERBOS LATINOS.	CARDOSO, Z. A. Iniciação ao Latim. São Paulo: Ática, 2006. CART, A. et alii. Gramática Latina. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. COUTINHO, I. Pontos de Gramática Histórica. 7a ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. FARIA, E. Gramática Superior da Língua Latina. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958. LEITE, L. R. Latine Loqui: curso básico de Latim. 2a ed. Vitória: EDUFES, 2016.
MORFOSSINTAXE II	1.O CONCEITO DE RECURSIVIDADE E A SINTAXE DAS LÍNGUAS HUMANAS; 2. O CONCEITO DE CONSTITUINTE SINTÁTICO E OS TESTES EMPREGADOS PARA IDENTIFICAR CONSTITUINTES; 3.A NOÇÃO DE SUJEITO E O PARÂMETRO PRO-DROP 4.A CLASSIFICAÇÃO VERBAL (VALÊNCIA VERBAL): O VERBO TRANSITIVO, BITRANSITIVO E O MONOARGUMENTAL 5.AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS EM PORTUGUÊS	BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. CAMPOS, Ednalvo A. e CAMPOS Vitor (2024) As orações relativas restritivas, apositivas e livres em redações do vestibular. In PINHEIRO, Elisa de Souza (org). Saberes Educacionais em seus Múltiplos Contextos, Vol III. 1ª Ed. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2024. pg. 97 a 116, acesso em: https://drive.google.com/file/d/1dBTRBCSyLsw2bT7eDfIJz9eRc97gmJ-k/view MIOTO, C. et al. Novo Manual de Sintaxe. 2ª. Ed. Florianópolis: Insular, 2005. NEGRÃO, E. SCHER, A. & VIOTTI, E. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Linguística II – princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. pp 81-110. OLIVEIRA, Márcia S. D. Análise Sintática do Português Falado no Brasil (Vol. 1). Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. PERINI, Mário Alberto. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010
LITERATURA INFANTO JUVENIL	1.A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO E OS ESPAÇOS DE LEITURA. 2.OS CONTOS DE FADAS E LITERATURA INFANTOJUVENIL 3.A LITERATURA INFANTOJUVENIL E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO 4.A LITERATURA INFANTOJUVENIL: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS 5.A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A ESCOLA	ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. São Paulo:Global, 1991 ABRAMOVICH , Fanny. Gostosuras e Bobices na Literatura Infantil. Scipione, 1990. ÀRIES Philipe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Guanabara, 1986. NOVAES, Nely. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. Revisitado e Ampliado. Átila. Rio de Janeiro, 2010. LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira: histórias e Histórias. Edição revista é ampliada. São Paulo, Editora:UNESP, 2022.

LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	1. AS PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM 2. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS SÉRIES INICIAIS E A VARIAÇÃO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA 3. O ENSINO-APRENDIZAGEM DA ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS 4. O ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS 5. A FORMAÇÃO DE LEITORES/ESCRITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.	CEZARIO, Maria Maura; MARTELLOTA, Mário Eduardo. Aquisição da linguagem. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008. SANTOS SOBRINHO, José Amarante. Variação linguística: criança na mão, escola na contramão. Salvador: EDUFBA, 2015. FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2009. CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística: Pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2009. SILVA, A. E. de O. da; SANTOS, A. C. R. dos; MORAIS, R. A. do N. A construção da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Revista Foco, [S. l.], v. 17, n. 5, p. e5050, 2024.
---	--	--

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIALIZADA – DEES

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
GESTÃO EDUCACIONAL	1.DEFINIÇÃO DE RESPONSABILIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ATUALIDADE, BEM COMO O PROCESSO HISTÓRICO SOCIAL EM QUE ISTO SE DÁ. 2.O FINANCIAMENTO EDUCACIONAL E AGÊNCIAS FINANCIADORAS. 3.GESTÃO EDUCACIONAL E O DESENVOLVIMENTO DOS PROCESSOS DEMOCRÁTICOS. 4. ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PARADIGMAS QUE TEM CARACTERIZADO AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E SEU FUNCIONAMENTO. 5. O DESAFIO DA ESCOLA DEMOCRÁTICA	COLARES Sousa, Maria L.Imbiriba; Pacífico, J. Machado e Estrela, George (Organizadores). GESTÃO ESCOLAR: ENFRENTANDO OS DESAFIOS COTIDIANOS EM ESCOLAS PÚBLICAS. Editora CRV. Curitiba, 2009,(Capítulo 10) PARO, Henrique, Vitor. GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA. 4ª Ed. ver e atualizada. Ed. Cortez.(cap. 1,2 e 7) CÁRIA, Neide Pena & SANTOS, Mileide Pereira. GESTÃO E DEMOCRACIA NA ESCOLA: LIMITES E DESAFIOS. Revista Gestão e Avaliação da Educação. V 03, nº 06, 2014 (pag 27-41), Breynner R. Oliveira & Adriana M. Gestão Escolar e Formação Continuada de Professores. (Texto: O silêncio da escola e a escola do silêncio: resistências e aberturas para a escola democrática -Marisa Bueno de Freitas e Diana de Cássia Silva). Tonini – Editar, Juiz de Fora – 2014. Disponível em http://moodle3.mec.gov.br/ufop2/file.php/1/Livros/Livro_Gestao_Escolar_e_Formacao_Continuada_de_Professores_Final_2015_Completo.pdf
POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS	1. O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA-FUNDEB 2. FORMAÇÃO DOCENTE: IMPACTOS DO SÉCULO XX 3.PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS 4. ORGANISMOS MULTILATERAIS E SUAS INFLUÊNCIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO 5.A ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO.	STIVAL, Maria Cristina E. Esper; GISI, Maria Lourdes. POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: A EFETIVAÇÃO DA LEI Nº 9394/96. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, PUC-PR 2009. Disponível em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2443_ MACHADO, Denise Lenise. FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO-FUNDEB: UMA ANÁLISE SOBRE OS INVESTIMENTOS NA EDUCAÇÃO. ANAIS do XIII Congresso Nacional Educação, 2017 – EDUCERE (p. 9284-9295). Disponível em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/2376212134.pdf

		BONETI, Lindomar Wessler. FUNDAMENTOSEPISTEMOLÓGICOS DAS POLITICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL: DA RAZÃO MODERNA AO DISCURSO DA INCLUSÃO SOCIAL. ANAIS DO XI CONGRESSO NACIOANL DE EDUCAÇÃO, 2013 – EDUCARE. Disponível em http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/72_72_6796.pdf _KORITIAKE, Luiz Antonio. ATUAÇÃO DOS ORGANISMOS INTERNACIONAIS NA EDUCAÇÃO. Disponível em http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/c_drom/64.pdf SANTANA, Jacqueline de Meneses. Organização da educação brasileira. Tema 01 p. 13 a 42 – Aracaju: UNIT, 2010. Disponível em http://ava.unit.br/dokeos/courses/ESP1221DES3P/document/Livros/Organiza%E7%E3o_da_Educa%E7%E3o_Brasileira%5B1%5D.pdf?cidReq=ESP1221DE S3P
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	1- A FORMAÇÃO DOCENTE E O RESPEITO À DIVERSIDADE 2- O ALUNADO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA 3- AS ESPECIFICIDADES NA EDUCAÇÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA 4- A SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS NAS ESCOLAS REGULARES 5- O PROGRAMA DE ENRIQUECIMENTO AO ALUNO COM ALTAS HABILIDADES.	ALENCAR, E.S. Psicologia e Educação do Superdotado. São Paulo: EPU.1986 BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília MEC/SEED,2008 ----- . Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Secretaria de Educação Especial-Brasília:MEC/SEESP,2008 GLAT. ROSANA. Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro:7 Letras,20013 -----& NOGUEIRA,M.L.deL. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. In: Revista Integração. V.24, ano14; Brasília: MEC/SEESP,pp.22-27,2002 MAZZZOTTA, M.J.S. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo: Cortez,2001 MENDES,E.G. A Educação Inclusiva e a universidade brasileira. Revista Espaço. Rio de Janeiro: INES,v.18/19,pp.42- 44,2002/2003 METTRAU,M.B. Inteligência: patrimônio social. Rio de Janeiro: Dunya,2000. MITTLER,P. Educação Inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed,2003. OMOTE, Perspectivas para conceituação de deficiências. Revista Brasileira de Educação Especial, v.2, nº 4, 127- 136,1997 RODRIGUES,D. Educação e a diferença. In: RODRIGUES,D. (Org). A educação e a diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva

LIBRAS	1. O PROFESSOR SURDO E SUA RELAÇÃO COM O PROFESSOR OUVINTE 2. ESTUDOS E COMPLEXIDADE INERENTES A LÍNGUA DE SINAIS 3. SINAIS SOLETRADOS, SINAIS CLASSIFICADOS, FORMAS VARIANTES DOS SINAIS 4. A LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA NO PARÁ 5. CULTURA SURDA	REILY, Lúcia. Escola Inclusiva: linguagem e mediação. Campinas. Papirus. 2004. SILVA, Carine Mendes da & SILVA, Daniele Nunes Henrique. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? Disponível em http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee20-01-00033.pdf DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito e CARAPOLI, Sueli Aparecida. A LÍNGUA DE SINAIS CONSTITUINDO O SURDO COMO SUJEITO. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf QUADROS, Ronice Müller de. Idéias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf
--------	---	---

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS NATURAIS – DCNA		
DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
FÍSICA E ENSINO DE FÍSICA / LABORATÓRIO DE FÍSICA	1. MOVIMENTO UNIDIMENSIONAL DE UMA PARTÍCULA 2. TRABALHO E ENERGIA MECÂNICA 3. CALOR E PRIMEIRA LEI DA TERMODINÂMICA 4. ELETROSTÁTICA NO VÁCUO PARA UMA CARGA PONTUAL; 5. CAMPOS MAGNÉTICOS PRODUZIDOS POR CORRENTES ELÉTRICAS.	HALLIDAY e RESNICK - Fundamentos de Física. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. Vols. 1 e 2. HALLIDAY e RESNICK - Fundamentos de Física. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. Vol. 3 e 4.
QUÍMICA E ENSINO DE QUÍMICA / LABORATÓRIO DE QUÍMICA	1. ESTRUTURA ATÔMICA E FUNÇÕES INORGÂNICAS 2. ÁCIDOS E BASES (EQUILÍBRIO IÔNICO). 3. MISTURAS E SOLUÇÕES. 4. TERMODINÂMICA: A PRIMEIRA LEI 5. FUNÇÕES ORGÂNICAS (NOMENCLATURA, PROPRIEDADES FÍSICAS E REPRESENTAÇÃO ESTRUTURAL).	ATKINS, Peter; JONES, Loretta. Princípios de química: questionando a vida moderna e o meio ambiente. 5ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2012. BRUCE, Paula. Y.; Química Orgânica. 4ª edição. Vols. 1. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. KOTZ, John C.; TREICHEL, Paul M.; TOWNSEND, John R.; TREICHEL, David A.; Química Geral e Reações Químicas. 9ª edição. Vol. 1 e 2. São Paulo: Cengage Learning, 2015. SKOOG, Douglas. A, WEST, Donald. M., HOLLER, F. James., CROUCH, Stanley. R. Fundamentos de Química Analítica. 8ª edição. Editora Thomson Pioneira, 2015.

BIOLOGIA E ENSINO DE BIOLOGIA/ LABORATÓRIO DE BIOLOGIA	1. RELAÇÕES ECOLÓGICA 2. CICLOS BIOGEOQUÍMICOS 3. ORGANIZAÇÃO CELULAR: MEMBRANAS E ORGANELAS 4. ANEXOS EMBRIONÁRIOS 5. DOGMA CENTRAL DA BIOLOGIA MOLECULAR: REPLICAÇÃO, TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO.	ALBERTS, B.; JOHNSON, A.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K. & WALTER, P.. Biologia Molecular da Célula. 4th ed. ARTMED, Porto Alegre. 2004 CURTIS, Helena, Biologia. 2ªed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977. JUNQUEIRA & CARNEIRO. Biologia celular e molecular. 7ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. ROBERT E. RICKLEFS. A economia da natureza - 6ª EDIÇÃO – 2010. GUANABARA KOOGAN (GRUPO GEN) SNUSTAD, P. Fundamentos de Genética. GUANABARA KOOGAN, 2008.
--	--	---

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – DFCS

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
TEORIA DA HISTÓRIA I	1. A ESCRITA DA HISTÓRIA 2. OS ANALLES E A REVOLUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA 3. A HISTORIA DO TEMPO PRESENTE 4. USOS DA HISTÓRIA ORAL 5. ESTUDOS DE HISTORIA E A LITERATURA	BURKE, Peter. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. BURKE, Peter (1990). <u>A escola dos Annales (1929-1989)</u>. São Paulo: Editora UNESP. BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892 94 DOSSE, François (2012). «História do Tempo Presente e Historiografia». Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 05 – 22, jan/jun. 2012. FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V (orgs.). História Oral: Desafios Para O Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fio Crus/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
HISTÓRIA ANTIGA	1. FORMAÇÃO DAS NOÇÕES DE ANTIGUIDADE E DE HISTÓRIA ANTIGA 2. MITO, RELIGIÃO E SOCIEDADE: O CASO EGÍPCIO 3. A GRÉCIA ANTIGA - A OPOSIÇÃO ENTRE ATENAS E ESPARTA 4. ROMA: EXPANSIONISMO ROMANO E IMPERIALISMO ANTIGO 5. ROMA: CARACTERÍSTICAS DA ESCRAVIDÃO ROMANA	DA SILVA, Josiane Gomes. Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo. Revista Espacialidades [online], v. 5, n. 4, p. 1984-817x, 2012. DA SILVA, Lisiana Lawson Terra e GONÇALVES, Jussemar Weiss: Ensino De História Antiga: Algumas Reflexões. In: XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH. Florianópolis (SC), 27 a 31 de julho de 2015. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. <i>Revista Brasileira de História</i>. São Paulo, v. 26, no 52, p. 227-246 – 2006. FRIZZO, Fábio. A Religião e o Todo: esboços para uma História Social da Religião Egípcia. <i>Hélade - Volume 1, Número 1 (Julho de 2015)</i> FUNARI, Pedro Paulo. "A Revolução da História Antiga". In: KARNAL, Leandro. (Org.). <i>História na sala de aula: conceitos, práticas e respostas</i>. São Paulo: Contexto, 2003
HISTÓRIA DA AMAZÔNIA I	1. REPRESENTAÇÃO DO MARANHÃO ENTRE OS VIAJANTES EUROPEUS QUINHENTISTAS NO SÉCULO XVI 2. O REGIMENTO DAS MISSÕES E A MÃO DE OBRA INDÍGENA NO ANTIGO ESTADO DO GRÃO PARÁ E MARANHÃO 3. REFORMAS POMBALINAS: POLÍTICA E ECONOMIA 4. ESCRAVIDÃO NEGRA NA AMAZÔNIA 5. CRISE DO ANTIGO REGIME NA	BATES, H. W. Um Naturalista no Rio Amazonas. São Paulo: EDUSP/ Itatiaia, 1979. BESSA-FREIRE, José R. (Org.). A Amazônia no Período Colonial (1616-1798). Manaus: Universidade do Amazonas / Imprensa Universitária; 1987. MELLO, Márcia. BARROSO, Daniel. Não somente indígenas como também africanos: uma introdução à demografia do Estado do Grão-Pará e Rio Negro (1778-1823). <i>Revista Maracanan</i>, [S.l], n.15, p.141-160, jul.2016. DOMINGUES, Angela. Quando os índios eram vassalos. Lisboa: Comissão Nacional para a comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2000. ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, 2. vol. MAUÉS, R. H. Uma outra —invenção da Amazônia —: Religiões, Histórias e Identidades. Belém: CEJUP,

	AMAZÔNIA	1999. SALLES, Vicente. Memorial da Cabanagem. Belém: CEJUP, 1993. BEZERRA NETO, J. M. Escravidão Negra no Grão-Pará — séculos XVII — XIX. Belém: Paka-Tatu, 2001. DOMINGUES, Angela. Quando os índios eram vassalos. Lisboa: Comissão Nacional para a comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2000. BATES, H. W. Um Naturalista no Rio Amazonas. São Paulo: EDUSP/ Itatiaia, 1979.
HISTÓRIA DO BRASIL I	1. O NOVO ÉDEN: A CONQUISTA PORTUGUESA NA AMÉRICA 2. A FORMAÇÃO DO MUNDO COLONIAL BRASILEIRO: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA 3. ECONOMIA E SOCIEDADE: ESCRAVIDÃO E TRABALHO LIVRE NA COLÔNIA 4. VIDA MATERIAL E RELIGIOSIDADE POPULAR NO BRASIL COLÔNIA 5. SEDIÇÃO E LIBERDADE: O COTIDIANO E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL COLONIAL (SÉCULO XVIII)	CARDOSO, Ciro F. S. Agricultura, Escravidão e Capitalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. FARIA, Sheila de Castro. A colônia em movimento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. FLORENTINO, Manolo. Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. FRAGOSO, João L. R. & FLORENTINO, Manolo. O Arcaísmo como Projeto. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro. José Olympio, 1978. NOVAES, Fernando. Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1815). São Paulo: Hucitec, 1979. PRIORE, Mary del e BASSANESI, Carla. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2001. SCHWARTZ, Stuart B. Segredos Internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	1. O PARADIGMA CIENTÍFICO. 2. A CIÊNCIA NORMAL. 3. O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA (S) CIÊNCIA(S) DA RELIGIÃO. 4. O ATEÍSMO METODOLÓGICO. 5. A NOÇÃO DE REVOLUÇÃO CIENTÍFICA.	CHALMERS, A. Teorias como estruturas: os paradigmas de Kuhn. In: _____. <i>O que é ciência afinal?</i> São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. CRUZ, E. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (org.). <i>Compêndio de Ciência da Religião</i>. São Paulo: Paulus, 2013. CRUZ, E. A epistemologia da ciência da religião: elementos para uma visão deflacionária. <i>Interações</i>, v. 13, n. 23, p. 14-22, 2018. PONDÉ, L. F. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, F. (org.). <i>A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil</i>. São Paulo: Paulinas, 2001. USARSKI, F. O perfil paradigmático da Ciência da Religião na Alemanha. In: _____. <i>Constituintes da Ciência da Religião</i>. São Paulo: Paulinas, 2006.
METODOLOGIA CIENTÍFICA	1.A HISTÓRIA DA CIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO. 2. OS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA CIÊNCIA	ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. 12ª ed. São Paulo: brasiliense, sd. ANDREY, a. Et. Al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de janeiro: espaço e tempo,

	MODERNA: OBJETIVO, SISTEMA E MÉTODO. 3. AS TÉCNICAS METODOLÓGICAS NA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS 4. ELABORAÇÃO DE MÉTODOS DE ESTUDOS DE TEXTOS TEÓRICOS 5. CIÊNCIA E IDEOLOGIA.	1988. ANDRADE, m. M. De. Introdução à Metodologia Do Trabalho Científico. 6. Ed. São Paulo: atlas, 2003. CARVALHO, m. C. Construindo o Saber: Metodologia Científica, Fundamentos E Técnicas. 14. Ed., Campinas: Papirus, 2003.
METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	1.A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2.A EPISTEMOLOGIA E A METODOLOGIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS 3.A ETNOGRAFIA E A PARTICIPAÇÃO OBSERVANTE 4.A AUTOETNOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO 5.A PESQUISA E A TÉCNICA EM AMBIENTES DIGITAIS	OLIVEIRA, Paulo. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. Em: Metodologia das Ciências Humanas. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998, p. 17-26. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7311438/mod_resource/content/1/Oliveira.pdf. Acesso em 12/11/2024. CANO, Ignacio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das Ciências Sociais no Brasil. Em: Sociologias, ano 14, n. 31, 2012, p. 94-119. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/QC6rphm93gZgXmt6FSqWJys/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 12/11/2024. SHAH, Alpa. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. Em: R@U, v. 12, n. 1, 2020, p. 373-392. Disponível em: https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/342/298. Acesso em 12/11/2024. GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. Em: Anuário Antropológico, v. 45, n. 2, 2020, p. 188-208. Disponível em: https://doi.org/10.4000/aa.5872. Acesso em 12/11/2024. LEITÃO, Debora & GOMES, Laura. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. Em: Antropolítica, n. 42, 2017, p. 41-65. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884/pdf. Acesso em 12/11/2024.
ADMINISTRAÇÃO E MARKETING	1. ADMINISTRAÇÃO: DEFINIÇÃO, IMPORTÂNCIA E PAPEL DO ADMINISTRADOR 2. PROCESSO ADMINISTRATIVO: PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO, DIREÇÃO E CONTROLE 3. AS GRANDES ÁREAS DA ORGANIZAÇÃO: PRODUÇÃO, FINANÇAS, MARKETING E RECURSOS HUMANOS 4. COMPOSTO DE MARKETING: PRODUTO, PREÇO, PROMOÇÃO E PRAÇA (DISTRIBUIÇÃO) 5. SEGMENTAÇÃO DE MERCADO	Bateman, Thomas S.; snell, scott a. Administração: construindo vantagem competitiva. São paulo: atlas, 1998. Kwasnicka, Eunice Lacava. Introdução a administração. São paulo. Atlas.1984. Kotler, Phillip. Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle. São paulo: atlas, 1999. Koontz, Harold; O'donnell, Cyril. Fundamentos da administração. São paulo.pioneira. 1981. Megginson, L. C.; Mosley, D. C.; Pietri Junior, p. H. Administração: conceitos e aplicações. 4. Ed. São paulo: harbra, 1998.

TEORIA ECONÔMICA CONTEMPORÂNEA	1.ECONOMIA E PIRATARIA 2.ECONOMIA E UBERIZAÇÃO DO TRABALHO 3.ECONOMIA E FEIRAS 4.ECONOMIA E RELAÇÕES DE GÊNERO 5.ECONOMIA E RELAÇÕES RACIAIS	BEZERRA, Arthur Coelho. A pirataria sob um enfoque moral: re-presentações de jovens consumidores, empreendedores morais da cultura e comerciantes de mídias piratas sobre o trânsito ilegal de bens culturais. In: Anais eletrônicos do 37º Encontro Anual da ANPOCS. ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. In: Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 23, n. 57, maio 2021, p. 26-56. SILVA, Luiz de Jesus Dias da. Pedra, redes e malha na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém do Pará. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p. 14-22 (Introdução) e p. 186-243 (Capítulo V). CONRADO, Mônica. “Eu carrego comigo sete mulheres: elas vivem e vivem limpando a casa dos outros”: sobre o trabalho doméstico e suas imbricações. In: CAL, Daniela Gentil Rodriguez e BRITO, Rosaly de Seixas (orgs.). Comunicação, Gênero e Trabalho Doméstico: das reinterpretações coloniais à invenção de outros possíveis. Curitiba: CRV, 2020, p. 67-84. SILVA, Gleicy Mailly. Cultura negra e empreendedorismo: Sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado. In: Revista Anuário Antropológico, Brasília, v. 43, n. 1, 2018, p. 11-36.
HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA	1. SOFÍSTICA, PERFORMANCE, PERFORMATIVO 2. O PROBLEMA DO SER EM ARISTÓTELES 3. A DOUTRINA DE PLATÃO SOBRE A VERDADE 4. PAIDEIA: A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO 5. DO KÓSMOS ARCAICO GREGO AO MUNDO CLÁSSICO DOS HOMÓIOI	AUBENQUE, Pierre. 2012. O problema do ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica. Campinas: Editora da Unicamp ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Edições Loyola, 2001 CASSIN, Barbara. 2016. “Sofística, Performance, Performativo”. Anais De Filosofia Clássica, vol. 3 nº 6 HEIDEGGER, Martin. “A teoria platônica da verdade”. In Marcas do caminho. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009 JAEGER, Werner. 1994. Paideia: A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes PADIAL, Rafael. 2018. Do Kósmos Arcaico Grego Ao Mundo Clássico Dos Homóioi. Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade, Campinas, nº 32.
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	1.A PERSPECTIVA HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA. 2. A SOCIOLOGIA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO; OBJETO E ORIGEM HISTÓRICA. 3. AS MATRIZES CLÁSSICAS DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO MODERNO: DURKHEIM, MARX E WEBER. 4. AS TEORIAS SOCIOLÓGICAS E SEUS TEMAS.	BOTTOMORE, Tom B. Introdução à Sociologia. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. ARON, Raymond. As Etapas do Pensamento Sociológico. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. GIDDENS, Anthony. Sociologia: uma breve porém crítica introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1984 MILLS, C. Wright. A Imaginação Sociológica. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982 TOURAINE, Alain. Em defesa da Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. FORACCHI, Marialice M., MARTINS, José de S. Sociologia e Sociedade: leituras de Introdução à Sociologia. 12ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987. LÖWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 2ª ed. São Paulo: E.

	5. AS SOCIEDADES DE CLASSES: REPRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.	Busca Vida, 1987. COHN, Gabriel. Weber. São Paulo: Ática, 1999. DURKHEIM, Émile. _____. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2003. _____. Durkheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). MARX, Karl. 18 Brumário e cartas a Kugelmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. _____. Formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. _____. Marx. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores) MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2007. SOUZA, Jessé (org.). A atualidade de Max Weber. Brasília: Editora da UNB, 2000. WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1981. _____. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1993. _____. Conceitos básicos de sociologia. São Paulo: Moraes, 1989. _____. Sobre a teoria das ciências sociais. Lisboa: Presença, 1974
ANTROPOLOGIA	1. ANTROPOLOGIA: OBJETIVOS, ÁREAS E SUB-ÁREAS 2. ETNOCENTRISMO E RELATIVIZAÇÃO 3. CULTURA UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO 4. ESCOLAS ANTROPOLÓGICAS: EVOLUCIONISMO, FUNCIONALISMO, ESTRUTURALISMO E INTERPRETATIVISMO. 5. O PAPEL DA ETNOGRAFIA NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA.	GEERTZ, Clifford. “Do Ponto de Vista dos Nativos: a natureza do entendimento antropológico” In: - -, O Saber Local. Petrópolis: Vozes, 1997. (p. 85-107) GEERTZ, Clifford. “Umadescrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” In: - -, A Interpretação das Culturas. RJ: LTC, 1989. (p. 13-41) LÉVI-STRAUSS. A Estrutura dos Mitos In: - -, Antropologia Estrutural. RJ: Tempo Brasileiro, 1996. (p. 237-265) MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa” In: - -, Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (p. 21-38) MONTERO, Paula. Reflexões sobre uma Antropologia das Sociedades Complexas. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, n. 34, 1991, pp. 103- 130. COPANS, Jean. Antropologia, ciência das sociedades primitivas? Lisboa: Edições 70, 1989. KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia [or.ing.1973]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1988. LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. CARDOSO, Ruth. (org.) A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução a antropologia DFCS social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. GOLDMANN, Lucien. Dialética da Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967. LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. __ O processo civilizatório: estudo de antropologia da civilização. Petrópolis: Vozes 197.
	1. A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E A QUESTÃO DA FORMAÇÃO HUMANA 2. FOUCAULT E AS PRÁTICAS DE SABER-PODER NAS	HINTERHOLZ, Beatran. Bachelard e a Educação: entre ciência e poesia. Revista Enciclopédia pelotas volume 03 p. 135 - 154 inverno 2015. (Ler o artigo integralmente). ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro/ Hannah Arendt; [Tradução de Mauro W. Barbosa]. São Paulo Perspectiva, 2016 – (Debates; 64/ dirigida por J. Guinsburg). (Ler o item A CRISE NA EDUCAÇÃO).

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS 3. HANNAH ARENDT E A CRISE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA 4. GASTON BACHELARD E A EDUCAÇÃO 5. GRAMSCI, FILOSOFIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁXIS EDUCATIVA.	FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. (Ler Terceira Parte do livro intitulada DISCIPLINA, nos capítulos I e II) SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006. (Ler o artigo integralmente) SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006. (Ler o artigo integralmente) GRAMSCI, Antônio. La alternativa pedagógica. 5ª ed. Mexico: Fontamara, 1998; (Ler páginas 7 a 45). GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, volume 2 / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Ler páginas 15 a 53) GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e organização da cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982. (Ler páginas 117 a 157)
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	1. PROCESSOS EDUCATIVOS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS 2. A EXPERIÊNCIA JESUÍTICA DE EDUCAÇÃO 3. A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO PERÍODO POMBALINO 4. O SISTEMA EDUCACIONAL DURANTE A DITADURA MILITAR 5. O LEGADO DE PAULO FREIRE	ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. Beberagens Tupinambá e processos educativos no Brasil colonial. Educação em Revista Belo Horizonte v.27 n.01 p.19-44 abr. 2011 (26p). BORGES, Dalete de Souza Salles; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. A educação jesuítica e o método de ensino <i>ratio studiorum</i> . IV Congresso de Educação do CPAN. Disponível em: https://cecpa.ufms.br/files/2019/12/C_33.pdf OLIVEIRA, Marcos Marques de. As Origens da Educação no Brasil Da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. <i>Ensaio: aval. pol. públ. Educ.</i> , Rio de Janeiro, v.12, n.45, p. 945-958, out./dez. 2004. SAVIANI, Dermeval. "O legado educacional do regime militar". Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008 291. Disponível em < http://www.cedes.unicamp.br >. MOURA, Vera Lucia Pereira da Silva. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arg-idvol_33_1426693042.pdf .

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DGEO

DISCIPLINA/ COMPONENTES CURRICULARES	TEMAS	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CARTOGRAFIA	1. REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA: DA CARTOGRAFIA ANALÓGICA A INCORPORAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA (SIG'S). 2. APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO EM COORDENADAS (GEOGRÁFICAS E UTM) EM ANÁLISE ESPACIAL NA PESQUISA EM GEOGRAFIA. 3. O PARADIGMA DOS QUATRO UNIVERSOS E O GEOPROCESSAMENTO COMO SUPORTE A ANÁLISE ESPACIAL NAS PESQUISAS EM GEOGRAFIA. 4. CARACTERIZAÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DE REGIÃO GEOGRÁFICA, GEO-CAMPOS, GEOOBJETOS, E OBJETO NÃOESPACIAL EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA (SIG). 5. CARTOGRAFIA TEMÁTICO: ELEMENTOS SEMIOLÓGICOS PARA O ENSINO PARA O ENSINO DE CARTOGRAFIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA.	CÂMARA, Gilberto; MONTEIRO, Antônio Miguel Vieira. "Conceitos Básicos em Ciência da Geoinformação." Em: Introdução à Ciência da Geoinformação, por Gilberto Câmara, Antônio Miguel Vieira Monteiro e Clodoveu Davis, 6- 41. São José dos Campos: INPE, 2001. CASTRO, Frederico do Valle Ferreira. Cartografia Temática. Belo Horizonte. UFMG, 2004. FITZ, Paulo Roberto. Geoprocessamento Sem Complicação. São Paulo. Oficina de Textos, 200
ENSINO DE GEOGRAFIA	1. UM EXERCÍCIO DE ENSINAR-APRENDER GEOGRAFIA; 2. EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E CIDADANIA; 3. A CRISE DA GEOGRAFIA, DA ESCOLA E DA SOCIEDADE; 4. O PENSAMENTO ESPACIAL NO CONTEXTO ESCOLAR; 5. PRÁTICAS DIDÁTICAS, VIVÊNCIAS E ENSINO DE GEOGRAFIA.	CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria de. Educação geográfica, cidadania e cidade. ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017. pp. 82-100. CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017. pp. 82-100. CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010. KAERCHER, Nestor André. A geografia escolar não serve para quase nada, mas ... Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-13.

		KIMURA, S. Geografia no ensino básico: questões e propostas. São Paulo. Editora Contexto, 2008.
GEOGRAFIA FÍSICA	1. PAISAGEM E GEOGRAFIA FÍSICA 2. BIOGEOGRAFIA E GEOECOLOGIA DAS PAISAGENS APLICADAS AO PLANEJAMENTO E À GESTÃO AMBIENTAL. 3. ASPECTOS CONCEITUAIS E ORGANIZACIONAIS DO GERENCIAMENTO DOS RECURSOS HÍDRICOS. 4. A CONSTRUÇÃO DA GEOMORFOLOGIA BRASILEIRA. 5. MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS E SEUS EFEITOS SOBRE A BIODIVERSIDADE	AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). Introdução ao gerenciamento de recursos hídricos. ANA/ANEL, Brasília, DF, 2000. Disponível em: www.aneel.gov.br/.../introducao_gerenciamento...pdf/9e23b541-6d94-4308-ba75-47c... BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. esboço metodológico. R. RAÍGA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR. Disponível em https://revistas.ufpr.br/raega/article/download/3389/2718 COSTA, F. E. V. Gestão dos recursos hídricos na bacia hidrográfica do rio Caeté / Pará – Brasil. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia Presidente Prudente/SP 2017. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151037?show=full MARENGO, J. A. Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI. Brasília: MMA, 2006. Disponível em www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/14_2_bio_parte%201.pdf SILVA E. V. da S., FARIAS J. F E RODRIGUEZ J. MANUEL M. Biogeografia e geoecologia das paisagens aplicadas ao planejamento e a gestão ambiental. In: SEOLIN, Leonice Dias; GUIMARÃES, Raul Borges. Biogeografia: conceitos, metodologia e práticas. Tupã: ANAP, 2016. Disponível em https://www.amigosdanatureza.org.br/biblioteca/livros/.../mtm5 VITTE A. C. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física. Mercator - revista de geografia da UFC, ano 06, número 11, 2007. Disponível em www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/58/33 VITTE A. C. A construção da geomorfologia no Brasil. Revista Brasileira de Geomorfologia - v. 12, nº 3 (2011); disponível em www.lsie.unb.br
GEOGRAFIA HUMANA	1. OS CONCEITOS DE ESPAÇO, TERRITÓRIO, REGIÃO, PAISAGEM E LUGAR; 2. O ESPAÇO DA GLOBALIZAÇÃO: O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO INFORMACIONAL; 3. REGIONALIZAÇÃO DO BRASIL: OS 'QUATRO BRASIS' DE MILTON SANTOS	SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo, Hucitec, 1994 SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 4 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002. SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.). A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. MACEDO, Cátia Oliveira; BRINGEL, Fabiano de

	4. A CIDADE E O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL 5. O CAMPO NA AMAZÔNIA: CONFLITOS E DIVERSIDADE SOCIOESPACIAL	Oliveira; BENEVIDES, Rafael; SANTANA, Rosiete, Marcos. Os Nós da questão agrária na Amazônia. Belém: Açai, 2015.
--	--	---